

No entanto, nenhuma destas experiências está salvaguardada de leituras tendenciosas, ideológicas e politizadas. A diversidade é muita, mas estes destinos não são neutros, desde logo porque produzem mensagens políticas. Estas paisagens, antes de serem turísticas, são culturais e ideológicas.

O storytelling dominante na visita a Chernobyl é, ao mesmo tempo tecnológico, ecológico e político. A explosão de um reator nuclear em 1986 resultou, desde logo, da negligência da antiga URSS - esta é a ideia principal transmitida a quem, desde Kiev, entra na zona de exclusão. Neste sentido, o turismo em Chernobyl é uma peça de soft power que se acrescenta ao permanente conflito entre a Ucrânia e a Rússia num dos mais problemático shatterbelts da geografia política europeia.

Por outro lado, e em parte, Chernobyl confirma-nos o conceito de dead land avançado por Saskia Sassen. A ação antrópica vai excluindo terras (e águas - que a autora refere como dead waters) que, na sequência de erros de exploração intensiva, se tornam inviáveis para a vida humana. A zona de exclusão não é propriamente um espaço vazio e uma terra morta. Pelo contrário, a natureza ganhou aqui um novo impulso. No entanto, é verdade que estes cerca de 2600 km<sup>2</sup> de solos se tornaram total ou parcialmente interditos à vida quotidiana do ser humano.

Esta passagem por Chernobyl e pela cidade abandonada de Pripjat remete-nos também para a questão energética. Em tempos de transição, de tomada de consciência sobre as alterações climáticas e do reconhecimento da energia como um setor crucial nas atuais sociedades complexas, esta traumascapes abre-nos para um debate mais extenso sobre o futuro mix energético e o papel que a tecnologia nuclear pode desempenhar no mesmo. Neste sentido, mais que uma viagem ao passado, Chernobyl compromete-nos em relação às opções estratégicas com vista ao futuro.

Nesta viagem, a partir de uma experiência pessoal em Chernobyl, explorar-se-ão estas e outras ideias, sempre em consonância com o contexto atual e com o futuro da Europa. O turismo nestes espaços intersticiais e opacos não é um simples ato de diversão nem pode ser lido como sinal da expansão ilimitada da atividade turística, que atravessa limites, muros e fronteiras.

**Palavras-chave:** Chernobyl, traumascapes, Shatterbelt, storytelling político, energia nuclear

### **- Turismo Literário em Espaço Rural: Uma Forma de Valorizar e Preservar o Património Imaterial e Favorecer o Desenvolvimento Territorial - O Caso do Município de Baião**

**Daniela MARQUES**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

**Diogo Miguel PINTO**

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

**Helena PINA**

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

A presente comunicação tem como objetivo tentar mitigar os problemas associados à massificação do turismo tradicional, através da sugestão de um roteiro focado no turismo literário. O objeto de estudo foi o município de Baião, o primeiro município a ser certificado, em 2022, como Destino Sustentável pela Global Sustainable Tourism Council. O turismo literário pode ser, de facto, uma forma de assegurar o crescimento sustentável e contínuo do fluxo turístico no município e contribuir, de forma considerável, para transformar Baião num município de referência no turismo literário. Apesar de ainda não ser muito divulgado na Europa, este tipo de turismo direciona-se, sobretudo, a um grupo específico da sociedade, evidenciando os seus adeptos um nível educacional elevado e a busca de uma alternativa ao turismo tradicional. Neste aspeto, o Município de Baião apresenta um núcleo ímpar de escritores.

Para a realização deste trabalho, numa fase inicial, selecionaram-se obras de escritores nascidos no município e obras em que Baião serviu como de (ou «como», ou «de») fonte de inspiração. Face a isto, entre julho de 2018 e fevereiro de 2020 foram lidos os seguintes títulos e autores: *Esteiros, Engrenagem, Refúgio Perdido*, de Soeiro Pereira Gomes; *Cortei as Tranças, O Príncipe com Cabeça de Cavalo*, de António Mota; *Doentes da Belleza, Fanny Owen e Camillo*, de Visconde de Vila Moura; *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz; *Vinte Horas de Liteira e No Bom Jesus do Monte*, de Camilo Castelo-Branco; *Fanny Owen*, de Agustina-Bessa Luís; *Porto Manso*, de Alves Redol; *Marânus*, de Teixeira de Pascoaes; e *Viagem a Portugal*,

de José Saramago. Assim se associaram estas obras, o seu estudo e a sua divulgação, aos locais de ficção bem como à biografia dos autores e aos locais biográficos, registando-os numa tabela posteriormente processada em software SIG, a fim de mapear no território os locais literários e a respetiva obra/autor associados.

Numa segunda fase, concretizou-se um intenso trabalho de campo, visitando-se os locais mencionados nas obras, efetuando-se o registo fotográfico dos mesmos, bem como os pontos de interesse bibliográfico, paisagístico e outros, assim como as melhores acessibilidades, etc. Com esta informação pretende-se criar um mapa literário de Baião, onde constem os locais biográficos e/ou os locais de ficção.

A comunicação será estruturada em quatro partes: na primeira surgirá uma breve explicação sobre turismo literário, seguindo-se o mapa literário e a referida tabela. Toda esta informação, será enriquecida com fotografias dos autores, bem como uma minibiografia e fotos dos locais de interesse inscritas nas restantes partes do documento.

Assim se criará um registo que facilita ao turista literário, este tipo de experiência, acedendo a informação atualizada, mapeada e facilmente interpretável.

**Palavras-chave:** Espaço Rural; Turismo Literário; Património; Desenvolvimento Territorial; Baião

### ***- Turismo de Base Comunitária: Por um Protagonismo Emancipatório dos Povos e Comunidades Tradicionais***

***Norma da Silva Rocha MACIEL***

PPGCAF, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

De acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), que pode ser consultada no Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2017, povos e comunidades tradicionais (PCT) são “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

Fazem parte do PCT os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro, os extrativistas, os ribeirinhos, os caboclos, os pescadores artesanais, as quebradeiras de coco babaçu ou os geraizeiros, entre outros. Como se encontra detalhado no decreto, “a PNPCT foi criada em um contexto de busca de reconhecimento e preservação de outras formas de organização social por parte do Estado.”

Essa forma de organização social, onde o território e os recursos naturais são condições para a manutenção dessa comunidade, também é algo de interesse e conflitos, especialmente perante aos empreendedores do turismo de grandes negócios interessados em explorar os recursos naturais, proporcionando um turismo massivo que não respeita esses modelos de organizações comunitárias. Sendo assim, como forma de perpetuação, expansão e reconhecimento do modo de vida dos PCT, o Turismo de Base Comunitária (TBC) mostra-se como uma ferramenta importante de protagonismo desse processo nas comunidades locais.

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão teórica sobre a importância e o impacto do TBC para a comunidade no reforço da importância do território como ator social local, cultural, político, econômico e emancipatório, promovendo a inclusão social e a conservação do patrimônio natural e cultural.

**Palavras-chave:** Comunidades tradicionais, Recursos naturais, Preservação, Turismo massivo

## **SESSÃO 4: AMBIENTE E VULNERABILIDADES**

***Moderadora: Fantina TEDIM, Universidade do Porto, Portugal***

***- A Ilha de Calor Urbana na Região Metropolitana do Rio de Janeiro no Ano de 2021***

***Andrews José de LUCENA***

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil